

ASPECTOS GERAIS DA SURDOCEQUEIRA

GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO
MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL

*Dalvanise de Farias Duarte**

1. DEFINIÇÃO:

É uma deficiência única que apresenta a perda da audição e visão de tal forma que a combinação das duas deficiências impossibilita o uso dos sentidos de distância (visão e audição). Cria necessidades especiais de comunicação causando em alguns casos extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, sociais, lazer, em acessar informações e compreender o mundo que o cerca, pois a surdocegueira com seus problemas de comunicação e mobilidade pode criar uma situação de isolamento.

2. CARACTERIZAÇÃO:

A Como pode ocorrer:

SURDOCEGUEIRA TOTAL
SURDEZ PROFUNDA COM RESIDUO VISUAL
SURDEZ MODERADA OU LEVE COM CEGUEIRA
SURDEZ MODERADA COM RESIDUO VISUAL
PERDAS LEVES, TANTO AUDITIVA QUANTO VISUAL.

B Etiologias principais:

Pré-Natais:

Rubéola
Citomegalovirus
Aids
Herpes
Toxoplasmose
Sífilis congênita

Peri-Natais:

Prematuridade
Falta de Oxigênio
Medicação ototóxica
Icterícia

Pós-Natais:

Meningite
Medicação ototóxica
Otite média crônica
Sarampo
Caxumba
Diabetes
Asfixia

Síndromes:

Down
Usher
Trisomia 13
Goldenhar

Anomalias Congênitas múltiplas:

Associação Charge
Abuso de drogas da mãe
Síndrome do alcoolismo fetal
Hidrocefalia
Microcefalia

Outros:

Acidente
Encefalite
A.V.C.

C Classificações:

Surdocegos pré-lingüísticos: São aqueles que adquiriram a surdocegueira antes da aquisição de uma linguagem (oral ou gestual); podem vir a isolar-se do meio ambiente e também fugir da interação pessoal, surgindo com isso graves problemas de desenvolvimento global, comprometendo principalmente a comunicação.

* Pedagoga com Especialização para Ensino de D.A.

Sócia-fundadora e Coordenadora Pedagógica da Associação Educacional para Múltipla Deficiência

Surdocego pós-lingüístico: É o indivíduo que adquiriu deficiências visuais e/ou auditivas após a aquisição da Linguagem(oral ou gestual).

Estas combinações trazem dificuldades de: comunicação, locomoção, educação, nas atividades de vida diária e na integração social (família e comunidade). Quando ocorre a Surdocegueira pós-lingüística o mais importante inicialmente é a escolha de uma nova forma de Comunicação!

3. COMUNICAÇÃO:

A visão e a audição têm um papel determinante para o processo do desenvolvimento da comunicação.

É a visão que proporciona à criança a apreensão do concreto, que lhe permite ter acesso ao mundo à sua volta e que lhe desperta, progressivamente, a curiosidade que a faz movimentar-se e começar a explorar o ambiente.

A audição permite a manutenção do contato do campo visual. Permite também o desenvolvimento da codificação, da capacidade de falar das coisas, mesmo na ausência delas. Esta capacidade, associada à experiência, possibilita o desenvolvimento do pensamento simbólico, desenvolve a seqüencialização e a noção de tempo.

A associação destas duas capacidades perceptivas proporciona à criança além do desenvolvimento da antecipação de acontecimentos, a previsão de perigos potenciais.

As crianças surdocegas têm dificuldade em comunicar-se. O mundo para elas apresenta-se como caótico, desorganizado, e potencialmente perigoso, tornando-as incapazes de se aventurarem para sua descoberta (Fox-1985)

Para que a comunicação com crianças surdocegas possa vir a ser bem sucedida, temos que ter consideração em quatro aspectos distintos:

- **Contexto:** (Local, pessoas envolvidas, tópico do que se vai falar....)
- **Conteúdo:** (O que se vai dizer, o que se vai selecionar como importante para referir num determinado contexto...)
- **Forma:** (De que modo se vai transmitir essa informação: objetos, gestos, imagens, língua de sinais e etc...)
- **Parceiros:** (Quem são os interlocutores capazes de interagir com a criança, como aumentar o número desses interlocutores...)

Principais formas de **Comunicação** com o **Surdocego**:

- **Tadoma:** Colocar a mão sobre os lábios, face e pescoço para sentir a vibração da voz.
- **Libras:** Língua de sinais dos surdos adaptada ao surdocego.
- **Alfabeto manual:** Fazer o alfabeto manual do surdo na palma da mão do surdocego.
- **Desenho:** Relatando fatos ou figuras.
- **Braille:** 6 pontos em relevo que combinados formam as letras e números.
- **Alfabeto Moon:** Desenhos em relevo.
- **Sistema pictográfico:** Símbolos, figuras que significam ações, objetos.
- **Letras de forma:** Desenhar na palma ou nas costas da mão as letras do alfabeto.

- **Objetos de referência:** O objeto que significa a ação. Ex: copo = para beber água.
- **Pistas:** Objetos ou símbolos colados em cartões ou em outro material.
- **Caderno de Comunicação:** Desenhos que indicam a atividade.
- **Tábua de Comunicação:** Letras em relevo ou pontos de braille em relevo em uma placa.
- **Objetos:** que indicam pessoas, locais e outros colados em uma placa.
- **Guia intérprete:** Para surdocegos adultos (adquiridos).

Nos programas educacionais dos surdocegos pré-lingüísticos, nos baseamos nas fases de comunicação propostas por Van Dijk:

- Nutrição
- Ressonância
- Co-ativo
- Imitação.

ETAPAS DA COMUNICAÇÃO PRÉ-LINGÜÍSTICA

1. NUTRIÇÃO:

Nessa etapa, o adulto se aproxima da criança, procurando obter a sua confiança. É um período delicado de observação e tentativas de aproximação. A criança terá que sentir o adulto acolhedor e sentir segurança nessa relação. Tudo isso irá propiciar a formação de vínculo afetivo, considerado por Condon (1979), o pré-requisito mais importante para a comunicação e linguagem.

Inicialmente não é bom que muitas pessoas atendam à criança. É importante estabelecer uma rotina de trabalho e dosar muito bem os estímulos: que não sejam poucos e nem excessivos. Nada se exige, nada se espera: é um período de doação, por isso o nome de Nutrição.

A postura símbolo dessa fase é o “colo”.

2. RESSONÂNCIA:

Essa fase tem como símbolo “envolver”.

Adulto e criança atuam “ressoando” como se fossem um só indivíduo.

As atividades de ressonância têm o objetivo de estimular a criança a interagir, compreender como suas ações podem interferir no meio, aumentar suas reações positivas com as pessoas e assim iniciar o distanciamento de “eu” e do meio.

Esse nível retrata a interação de um adulto com seu bebê.

Toda atenção e participação da criança vai depender da sensibilidade do adulto em perceber o interesse e as reações da criança, avaliando cada movimento, cada expressão e dando significados a ela. EX: O adulto envolve a criança e se balança com ela, ao perceber que a criança gosta, cessa o movimento e espera uma reação.

Qualquer expressão, movimento da criança ou vocalização será considerado um pedido, e o adulto repete o balanceio. Trava-se assim uma “conversação” através da ação.

Alguns itens a serem observados nesta etapa:

- ❶ Já que para essa criança somente faz sentido o que afeta diretamente seu corpo, toda ação deve envolver contato físico.
- ❷ Procurar movimentos familiares à criança, que já pertençam ao seu repertório.

- ③ Não invadir, não entrar ameaçadoramente no mundo da criança.
- ④ Ser sensível à resistência da criança em sua dificuldade de aproximação e também no momento que ela sinaliza o término da ação.
- ⑤ Considerar como intenção comunicativa qualquer expressão corporal, facial ou vocalizações.
- ⑥ Não contar inicialmente com respostas consistentes.
- ⑦ Somente mais tarde se introduzirão objetos e ações fora do seu corpo.

Quando a criança começa a responder ressoando em movimentos conjuntos, ou melhor ainda, quando começa a pedir uma variação dentro dos movimentos já conhecidos, podemos considerar que inicia a sua participação. Quando a criança antecipa, isto é, demonstra perceber o movimento ou ação seguinte, mesmo que não haja consistência na resposta, o adulto deverá estimular a criança a usar seus movimentos para produzir modificações no meio. Também pode, em seqüência, responder a um gesto natural para cada atividade.

3. CO-ATIVIDADE:

A postura símbolo é o “lado a lado”.

Adulto e criança atuam ainda juntos, mas começa a diferenciação.

Quando as atividades de ressonância vão evoluindo e a criança já apresenta mais consistência nas respostas, participando mais, demonstrando mais compreensão de situação, vamos mudando nossa postura, colocando mais distância física, sem deixar de tocá-la, procurando com essa postura “dar oportunidade” de aumentar a distância entre eu e o meio.

A maior distância entre a criança e o adulto propicia a melhor observação do ambiente e dos movimentos do adulto. Nas atividades coativas pode-se introduzir maior variedade: movimentos e ações, até em seqüências, sempre partindo do repertório da criança para avançar introduzindo outros novos atendimentos e novas atividades. Pode-se explorar mais o próprio ambiente como indicador de modificações nos movimentos e pode-se também introduzir o objeto.

Uma vez que a criança antecipa a ordem de uma seqüência de atividades, torna-se urgente modificá-la para que continue ampliando as oportunidades de comunicação.

4. IMITAÇÃO:

Postura símbolo dessa fase é o “frente a frente”.

Com o desenvolvimento das atividades co-ativas a criança começa a fazer referências, indicar, aumentando o distanciamento entre o eu e o meio e abrindo oportunidade para que o adulto introduza mais dificuldades como por ex.: incentivar a repetição de movimentos como palmas e toques em partes do corpo, iniciando assim a etapa da imitação.

Nessa etapa, o adulto pode colocar-se de frente para a criança na maioria das vezes, incentivá-las a observar os movimentos que devem ser repetidos, introduzir movimentos mais refinados que os anteriores, lançando assim as bases para a imitação dos símbolos gestuais que virão mais adiante.

As atividades de imitação podem ser empregadas em variadas situações como por ex.: A.V.D. (Atividades de Vida Diária), dramatizações, iniciando as atividades acadêmicas.

“Todas as atividades de imitação devem se centralizar na compreensão por parte da criança, da correspondência entre suas ações e as que observa, e sobre a habilidade para repetir as qualidades dinâmicas das ações observadas “(Stillman)”.

A imitação deve surgir da observação e interiorização do que é observado.

Importante notar que essas etapas não são estanques, meclam-se constantemente, e a criança pode retroceder às fases iniciais a cada apresentação de situações novas.

DIREITOS BÁSICOS DE COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA SURDOCEGA

- Dêem oportunidade a ela de pedir o que quer e falar com as pessoas a sua volta, de casos ou acontecimentos.
- Dêem oportunidade a ela de dizer quando quer mais de alguma coisa e respeitem o seu pedido.
- Dêem oportunidade a ela de dizer não e respeitem-na.
- Dêem a oportunidade a ela de chamar a sua atenção para interagir com ela: nós somos seus parceiros de comunicação.
- Ela quer se comunicar. Olhem para ela e para o que ela faz. Falem das coisas que estão a sua volta. Ela também quer falar sobre isso.

CURRÍCULO FUNCIONAL PARA O SURDOCEGO

O currículo funcional foi criado para ensinar as atividades básicas e essenciais.

Seu objetivo, de melhorar a qualidade de vida e a participação da pessoa no seu ambiente e na família, oferecendo condições, recursos e materiais prioritários para todos aqueles que tenham dificuldade de aprender e se desenvolver de maneira natural.

O **currículo funcional** propicia:

- Resolver tarefas com significado que serão úteis no futuro.
- A escolha do ambiente adequado para desenvolver cada atividade e para que a criança adquira hábitos.
- Adequar as atividades à capacidade e ao desenvolvimento da criança.

O currículo funcional deve ser feito depois de se observar a criança ou jovem em seu ambiente e de se ter conversado com a família, tornando-se assim, especial e único para cada indivíduo

Deve-se propor atividades que se tenha certeza da capacidade do aluno em executá-los.

ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

Guiar é uma situação onde o adulto e a criança aprendem a confiar um no outro.

O surdocego precisa conhecer e sentir quem irá guiá-lo, saber para onde vai e o que se passa no caminho.

Ensinar uma criança surdocega total a se locomover confiantemente exige 3 aspectos importantes:

- tempo;
- habilidades;
- atenção.

Para o surdocego adquirido, a mobilidade cobre 3 áreas principais:

- caminhar independentemente;
- guia vidente;
- habilidades para bengala longa.

A mobilidade envolve comunicação – primeiro, devem conhecer os lugares e as pessoas que se encontram lá.

O surdocego precisa ter pontos de referência e ser estimulado a usar o tato e o olfato.

APRENDENDO UMA ROTA

PONTOS A CONSIDERAR:

- ❶ Escolha uma rota apropriada;
- ❷ Comece com rotas que possam ser praticadas diariamente;
- ❸ Faça a rota você mesmo usando uma venda;
- ❹ Incorpore informações prévias dadas durante sessões de familiarização;
- ❺ Diminua os níveis de ansiedade, assegurando que a criança domine as habilidades básicas requeridas antes de aprender uma nova rota;
- ❻ Ensine em estágios – consolidando cada aprendizado;
- ❼ Providencie apoio e encorajamento com estímulos verbal e físicos;
- ❽ Diminua gradualmente estes estímulos assim que a confiança aumente;
- ❾ Sempre comece do mesmo ponto;
- ❿ Torne isto uma experiência significativa e agradável;
- ⓫ Quando identificar e selecionar um ponto de referência lembre que ele pode não ter a mesma relevância para a criança;
- ⓬ O retorno da caminhada deve ser considerado uma nova rota.

COMPORTAMENTO DO SURDOCEGO

O comportamento de alguns surdocegos traz preocupação para os pais e profissionais, habitualmente inclui atos de auto-agressão e de auto-estimulação que parecem colocar essa pessoa num estado à parte, e comportamentos de passividade extrema ou de frustração e agressão.

1. PASSIVIDADE EXTREMA:

As pessoas surdocegas podem escolher passar longos períodos de tempo sem fazer nada, como por exemplo, ficarem sentadas no mesmo local. Associada a esta passividade as pessoas surdocegas podem também manifestar comportamentos de auto-estimulação, balançar-se ou entreter-se a mexer com os dedos em partes do próprio corpo, ou na roupa.

2. AGRESSÃO/FRUSTRAÇÃO:

Há comportamentos agressivos que são exemplos de uma clara tentativa de comunicação, ainda que inadequada.

A incerteza sobre o que vai acontecer em cada momento seguinte pode estar na origem de alguns comportamentos inadequados.

3. APERTAR OS OLHOS:

Este é um comportamento que causa ansiedade às pessoas que o observam, pois pode-se tornar aflitivo ou, por outro lado, vir a ser suficientemente obsessivo e não

deixar que o surdocego se integre em outras atividades, ou então contribuir para lesionar o olho ainda mais.

É por volta dos doze meses, e a partir dessa idade que a criança cega ou com baixa-visão começa a ter a tendência de apertar os olhos, se não se evitar que ela faça isso, este comportamento pode tornar-se persistente e problemático.

Uma outra explicação mais provável é de que apertando os olhos consegue estimular o nervo óptico e provocar clarões de luz e cor, obviamente mais do que uma poderosa recompensa no mundo de escuridão.

4. AGITAÇÃO DOS DEDOS E FIXAÇÃO DO OLHAR NOS FOCOS DE LUZ:

Alguns estudos sugerem que a fixação do olhar nos focos de luz aumenta sempre que uma pessoa surdocega está insegura sobre o que fazer numa situação ou no caso de uma determinada tarefa se apresentar difícil.

Alguns surdocegos insistem em usar os óculos num ângulo bastante estranho, tal atitude é uma resposta adaptativa que ele toma a fim de conseguir ver determina dos objetos, outros surdocegos podem adaptar posições de cabeça inadequadas quando precisam ver pessoas ou objetos.

5. PROBLEMAS COM USO DE ROUPAS:

Alguns surdocegos têm relutância em vestir determinadas peças de roupas, sapatos especialmente, andar com sapatos calçados tende a esconder toda espécie de pistas que podem indicar alterações de textura quando, por exemplo, se passa de cima de um tapete para outro, vibrações que ocorrem a nível do solo, e etc.

PARCERIA COM A FAMÍLIA

Na educação do surdocego, a família deve ser **PARCEIRA**: para tal, devemos considerá-la como um sistema bastante complexo com suas individualidades: cultura, crenças, nível sócio-econômico, etc..

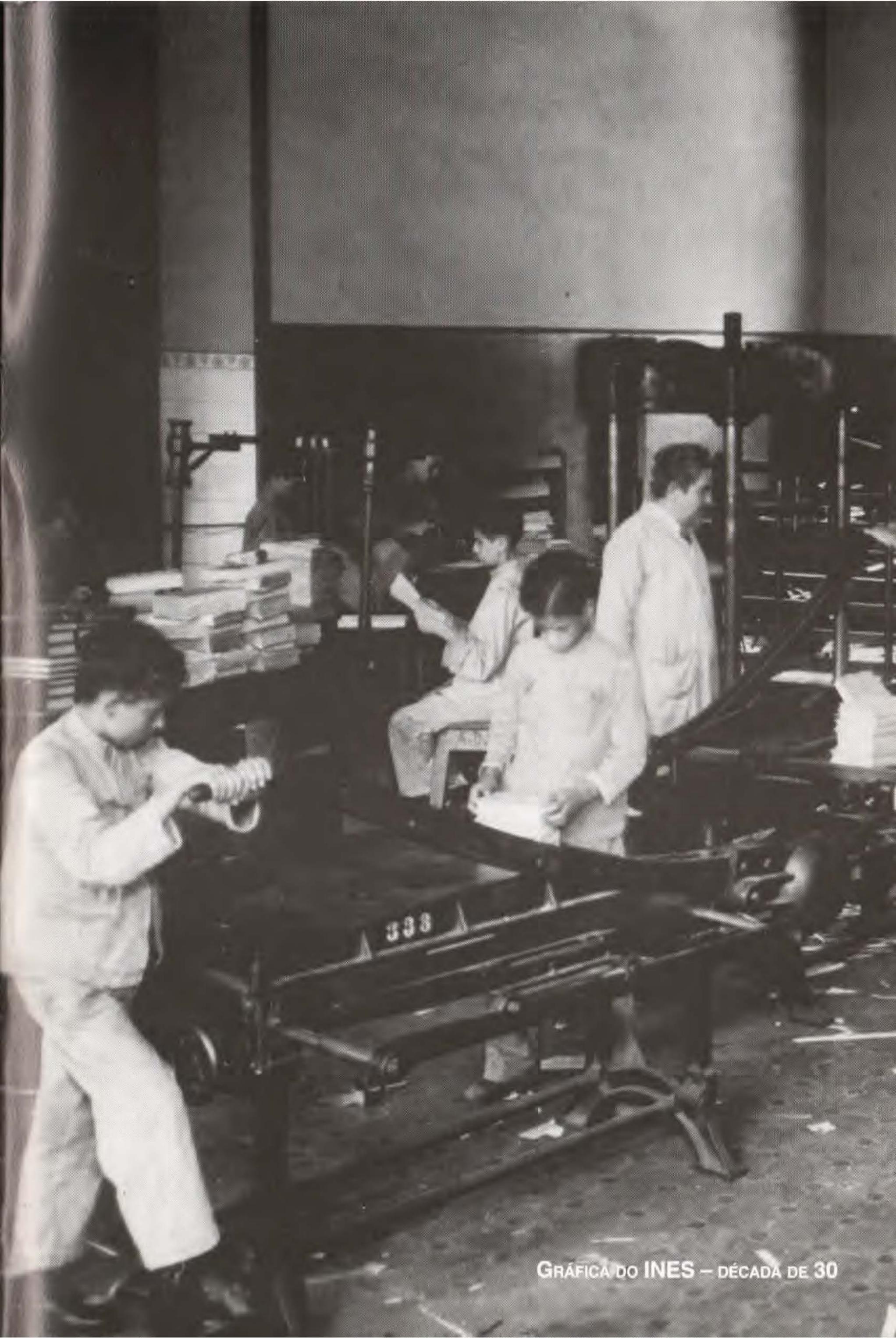
Para que as parcerias atinjam os seus objetivos não basta só orientações e acompanhamento.

É necessário firmar laços de confiança, amizade, vínculo, troca de experiências, procurando dividir suas dificuldades e conquistas.

Devido à complexidade da surdocegueira é necessária a parceria da escola com a família para qualificar a vida do surdocego (comunicação, independência nas atividades de vida diária e integração social).

É importante que a família seja estimulada a participar de cursos, simpósios, seminários, que acontecem nesta educação e também, que atuem junto com a escola em campanhas de prevenção, divulgação, implantação de serviços e trabalhem a formação de Associações de Pais, nesta área.

ELABORADO POR:
Shirley Rodrigues Maia,
Regina Maria de Jesus e
Dalvanise de Farias Duarte.



GRÁFICA DO INES — DÉCADA DE 30

**GOVERNO
FEDERAL**

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

